



Ações inclusivas do bibliotecário multiplicador da competência em informação

Inclusive actions of Information Literacy multiplier's librarian

Lorena Silveira da Silva 

Mestranda em Ciência da Informação
Universidade Estadual de Londrina, Brasil
andie.silveira@uel.br

Nicole Zen Alves 

Graduada em Biblioteconomia
Universidade Estadual de Londrina, Brasil
nicolezenalves@gmail.com

Ana Paula Pereira 

Doutora em Ciência da Informação
Universidade Estadual de Londrina, Brasil
anappuel@gmail.com

Adriana Rosecler Alcará 

Doutora em Psicologia
Universidade Estadual de Londrina, Brasil
alcara@uel.br

Resumo

A pesquisa visa investigar ações inclusivas do bibliotecário multiplicador da competência em informação. A competência em informação constitui-se de um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes para lidar de forma adequada com informação. E o bibliotecário, no papel de multiplicador da competência em informação, precisa promover ações e práticas que resultarão na formação desses conhecimentos, habilidades e atitudes com os mais diferentes públicos, englobando as pessoas com deficiência. Quanto aos procedimentos metodológicos, trata-se de uma pesquisa bibliográfica e descritiva, com abordagem qualitativa. Entre os resultados, constatou-se que a deficiência visual é a condição mais estudada nos trabalhos identificados. Em relação aos recursos acessíveis, são utilizados o sistema DosVox e Jaws. Em muitos casos, os bibliotecários não recebem treinamentos para lidar com os recursos de acessibilidade, que, de forma geral, não são promovidos pelo ambiente de trabalho. Os bibliotecários estão se mobilizando para promover ações e práticas inclusivas no âmbito de sua atuação como multiplicadores da competência em informação, assim também para fomentar o desenvolvimento das ações inclusivas. Além disso, notou-se que a acessibilidade atitudinal e a realização de pesquisas e ações sobre as deficiências são necessárias e imprescindíveis no sentido de incluir as pessoas com deficiência nesses processos e não apenas promover ações para elas.

Palavras-chave: competência em informação; bibliotecário multiplicador; ações inclusivas.

Abstract

This research aims to investigate the inclusive actions of librarians who promote information literacy. Information literacy consists of a set of knowledge, skills, and attitudes for appropriately handling information. Librarians, as information literacy promoters, must promote actions and practices that will result in the development of this knowledge, skills, and attitudes among a wide range of audiences, including people with disabilities. This is a descriptive bibliographical study with a qualitative approach. Visual impairment is the most frequently studied condition in the identified studies. The DosVox and Jaws systems are used for accessible resources. In many cases, librarians do not receive training in accessibility resources, which are generally not promoted in the workplace. Librarians are mobilizing to promote inclusive actions and practices within their work as information literacy multipliers, as well as to foster the development of inclusive actions. Furthermore, it was noted that attitu-



doi: [10.28998/cirev.2026v1320153](https://doi.org/10.28998/cirev.2026v1320153)

Este artigo está licenciado sob uma [Licença Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

Submetido em: 20/10/2025

Aceito em: 02/02/2026

Publicado em: 03/02/2026

dinal accessibility and the conduct of research and actions on disabilities are necessary and essential to include people with disabilities in these processes, not just promoting actions for them.

Keywords: *information literacy; multiplier librarian; inclusive actions*

1 INTRODUÇÃO

A competência em informação diz respeito ao conjunto de habilidades que uma pessoa possui e pode desenvolver para saber como buscar, selecionar, avaliar e usar a informação de forma reflexiva, crítica, criativa e consciente. Também podemos relacioná-la à aprendizagem autônoma e ao aprender a aprender ao longo da vida (Dudziak, 2013).

Gasque (2013, p. 5) complementa que a competência em informação se refere à “[...] capacidade do aprendiz de mobilizar o próprio conhecimento que o ajuda a agir em determinada situação [...]”, o que possibilitará a ele, as habilidades para estabelecer sua necessidade informacional e assim buscar, usar e se apropriar da informação necessária, avaliando-a com base nos fatores e contextos econômicos, legais, culturais e éticos imbricados nesse processo.

Diante desse cenário, encontra-se o bibliotecário, que precisa ser um multiplicador da competência em informação, no sentido de promover ações para a formação das habilidades dos usuários em diferentes circunstâncias informacionais. O bibliotecário, como multiplicador da competência em informação, segundo a *Association of College & Research Libraries* (ACRL, 2017), relaciona-se ao profissional que atua na promoção da aprendizagem em vários contextos por meio de ações educativas ou formativas. Assim também cabe a ele “[...] trabalhar com os estudantes como orientador, mentor e guia, à medida que estes navegam por esse complexo ecossistema de informações em diferentes estágios de seu desenvolvimento pessoal e cognitivo” (ACRL, 2017, tradução nossa).

Nesse sentido, para além de pensar em ações que se voltam ao processo de busca e uso da informação, o bibliotecário multiplicador da competência em informação precisa desenvolver as habilidades informacionais e proporcionar ações e atividades que visem a construção de novos saberes, a inclusão social e, por consequência, o protagonismo de sujeitos (com deficiência) na sociedade. Nesse sentido, de acordo com Dudziak (2013, p. 5), o bibliotecário “Como agente transformador ou multiplicador das boas práticas associadas à informação e ao aprendizado tem consciência de certos aspectos e comportamentos profissionais e pessoais a serem incorporados”. O papel desse profissional também abrange atuar como orientador em processos informacionais, considerando que haverá diferentes estágios de desenvolvimento e é necessário promover as habilidades dos usuários da informação em diferentes contextos informacionais, dentre os quais, os contextos informacionais inclusivos.

Reportando-se ao bibliotecário como protagonista da multiplicação da competência em informação, Bertúlio (2012, p. 8) destaca que isso decorre da “[...] necessidade de atuação de atores dispostos a compartilhar seu conhecimento informacional e tecnológico, visando contribuir para a sua difusão, tanto em instituições públicas, quanto em empresas privadas”.

Face a essa breve contextualização, fica evidente a complexidade que envolve as práticas do bibliotecário multiplicador, que precisa continuamente desenvolver suas próprias habilidades informacionais, articulando-as com base em aspectos técnicos, comunicacionais, educativos, pedagógicos e sociais. Para então conhecer os usuários da informação e propor ações formativas que atendam às suas demandas. Esse processo se torna ainda mais complexo quando reflete os contextos que atendem pessoas com deficiência (PcDs), especial-

mente quando observamos os variados tipos de deficiências, dentre as quais estão a deficiência física (motora), deficiência sensorial (visual e auditiva), deficiência intelectual e deficiência múltipla (associação de duas ou mais deficiências, por exemplo, a surdocegueira).

Percebemos assim, que as bibliotecas, enquanto espaços informacionais que recebem diferentes tipos de usuários, precisam estar preparadas para acolher e oportunizar o sentimento de pertencimento (fazer parte) aos usuários com deficiência. E ao bibliotecário cabe ter a empatia para atuar em benefício do próximo, colaborando para uma sociedade mais inclusiva, especialmente quando atende pessoas com deficiência. Silva e Spudeit (2020, p. 17) dizem que: “[...] o bibliotecário deve avaliar as necessidades de acesso à informação, planejar produtos e serviços informacionais eficientes e eficazes para garantir a qualidade no atendimento dos diferentes públicos e desenvolver ações voltadas para as necessidades das comunidades”. Fala-se novamente sobre a importância do bibliotecário estar atento aos diferentes níveis de desenvolvimento de seus usuários, adequando suas estratégias para auxiliá-los a avançar na formação da sua competência em informação.

Desse modo, o bibliotecário multiplicador da competência em informação precisa promover ações e atitudes inclusivas com vistas a tornar a biblioteca mais acessível. A partir disso, a questão que norteou esta pesquisa consistiu em: Quais ações e práticas inclusivas são realizadas pelo bibliotecário multiplicador da competência em informação? Como objetivo geral, o estudo visou investigar ações e práticas inclusivas do bibliotecário multiplicador da competência em informação. Já os objetivos específicos foram: levantar as tecnologias assistivas que podem contribuir para ações do bibliotecário multiplicador da competência em informação; identificar fontes de informação acessíveis, e mapear atividades, produtos e serviços utilizados nas práticas inclusivas do bibliotecário multiplicador.

Justificamos a relevância desta pesquisa, já que evidencia uma perspectiva social e atual face ao papel do bibliotecário multiplicador em contextos inclusivos ainda pouco explorados nos estudos da competência em informação, contribuindo assim para o fortalecimento das produções científicas e das ações desenvolvidas. Além disso, o mapeamento das ações inclusivas do bibliotecário multiplicador poderá contribuir para a reflexão sobre a própria atuação do bibliotecário, sinalizando para possíveis iniciativas e aplicações práticas no âmbito das deficiências e das bibliotecas.

2 COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: BREVE ABORDAGEM HISTÓRICA E CONCEITUAL

A competência em informação ou *information literacy* (termo em inglês), é o conjunto de habilidades informacionais que o indivíduo tem e pode desenvolver e com ela utilizar recursos informacionais de forma eficaz, avaliar criticamente as informações tornando-se aprendiz independente que consiga produzir novos conhecimentos (Dudziak, 2003). No Brasil, os estudos começaram a ganhar força a partir do ano 2000. Esse campo de estudo possui importância para as áreas de Ciência da Informação, Educação, Psicologia, Ciência da Computação e Ciências Sociais. É possível notar forte ligação entre elas, e seus profissionais passaram a fazer interlocução com a competência em informação, concebendo-a como uma forma de solucionar os problemas informacionais da nossa sociedade (Vitorino, 2020). Para compreender melhor como se deu o surgimento da competência em informação, quais são suas características, aspectos principais e objetivos, primeiramente é necessário passarmos por seu histórico e origem, para assim entender como se deu seu desenvolvimento até os dias atuais.

De acordo com Dudziak (2003), *Information Literacy* é o primeiro nome que apareceu sobre o tema, com o significado vinculado aos recursos informacionais. Foi utilizado pela primeira vez por Paul Zurkowski em 1974, que a aplicou às situações de trabalho para resolução de problemas por meio do aprendizado de técnicas e habilidades no uso de ferramentas de acesso à informação. Para Dudziak (2003), a pessoa que desenvolve a competência em informação pode usar diversos recursos de informação. Belluzzo (2021) observa que, utilizando a competência em informação, o indivíduo encontrará soluções apoiadas em informações para solucionar seus problemas.

A década de 70 foi caracterizada pela crescente preocupação com a quantidade de informações disponibilizadas, sendo necessário um novo conjunto de habilidades para o uso dessas informações. Após Zurkowski, a competência em informação é citada novamente em outros trabalhos com diferentes significados: em 1976, Hamelink e Owens, com significado voltado a um instrumento de emancipação política e, posteriormente, com Taylor e Garfield, em 1979, com ênfase nas habilidades técnicas (Dudziak, 2003).

Durante a década de 80 iniciou-se a produção de diversos trabalhos a respeito do tema. Esse momento foi marcado pelo avanço de tecnologias da informação. Assim a *information literacy* entrou em alta em diversos estudos com foco nessas tecnologias, mas com outro termo *Information technology literacy* (Dudziak, 2003). Foi nesse momento que apareceu a necessidade de ampliação sobre o assunto. Uma importante estudiosa desse período foi Carol Kuhlthau, que construiu um modelo descritivo dos processos de aprendizagem por meio da busca e uso da informação (Vitorino, 2020).

Dois importantes documentos para a área foram publicados nessa década: o livro editado por S. Breivik e E. Gordon Gee, denominado *Information Literacy: Revolution in the Library* (1989) e um documento publicado pela *American Library Association* (ALA, 1989), *Presential Committee on Information Literacy: Final Report* (Dudziak, 2003), que ressaltam “[...] a importância da *Information Literacy* para indivíduos, trabalhadores e cidadãos. As recomendações se concentram na implantação de um novo modelo de aprendizado, com a diminuição da lacuna existente entre sala de aula e biblioteca” (Dudziak, 2003, p. 26).

Neste documento, o sujeito que desenvolve a competência em informação é, como definido pela ALA, aquele que sabe identificar suas necessidades informacionais ao invés de se sobrecarregar na abundância de informações disponíveis, sabendo encontrar, avaliar e usar as informações para resolver algum problema ou tomar uma decisão (ALA, 1989).

Como já antes ressaltado, é possível compreender a importância que a competência em informação passou a ter para outras áreas, principalmente para a Educação. Dudziak (2003) evidencia também o significado da aproximação entre a sala de aula e a biblioteca para o aprender a aprender. De acordo com Vitorino (2020), na década de 90, os estudos se centraram em discutir seus significados e implicações para programas educacionais. O trabalho em destaque da época é o livro *Information Power* (1988).

Os profissionais da informação, conscientes da necessidade de possibilitar o acesso rápido e fácil ao novo universo informacional, voltam-se para a *information literacy*. Objetivam tornar os usuários (agora da informação) aprendizes independentes, enfatizando a integração curricular e a cooperação com a comunidade (Dudziak, 2003, p. 26).

Os profissionais tinham o intuito de promover a autonomia dos usuários em relação à aprendizagem para lidar com as informações. Ao promover o aprendizado autônomo e independente, enfatizam um currículo integrado com a comunidade escolar.

Em 2000, inicia-se a formação de uma consciência coletiva ao espaço que a competência em informação vinha desenvolvendo. É nesse momento também que as iniciativas a respeito do tema começam no Brasil.

[...] destacando-se as atividades pioneiras pela Seção da América Latina e Caribe da IFLA (IFLA/LAC), Federação Brasileira das Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições (FEBAB) e o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), Universidade de Brasília (UnB), UNESP, a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação (ANCIB), dentre outras universidades, organizações e institutos de pesquisa de importância no país (Belluzzo, 2021).

No Brasil foram criados documentos considerados marcos históricos para a competência em informação, dentre os quais podemos citar: Declaração de Maceió (2011), Manifesto de Florianópolis (2013), Carta de Marília (2014) e o Manifesto Político sobre Competência em Informação (2022). De forma geral, esses documentos brasileiros explicitam como o desenvolvimento da competência em informação pode ser usado para o efetivo exercício da cidadania no país e trazer metas à sociedade (Estado, profissionais, instituições, entre outros).

A Declaração de Maceió (2011), elaborada no XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, diz que a competência em informação deve ser desenvolvida para que os recursos informacionais atendam às demandas da cidadania. O Manifesto de Florianópolis (2013) ressalta o uso do tema para solucionar políticas direcionadas às populações vulneráveis e minorias. A Carta de Marília (2014) enfoca o uso da competência em informação para a diminuição e enfrentamento de desigualdades sociais, levando-se em conta políticas de acesso e uso da informação. O Manifesto Político sobre Competência em Informação (2022), enfatiza a importância da competência em informação ao indicá-la como essencial para que as pessoas possam utilizar de forma

[...] crítica, responsável e eticamente as informações de maneira que se compreendam como sujeitos históricos no mundo e, assim, possam exercer a cidadania, engajar-se civicamente, empoderar-se, tomar decisões, aprender a aprender e aprender ao longo da vida. (Manifesto..., 2022, *online*).

Retomando o contexto histórico, Bruce (2013) afirma que existem quatro fases dos estudos de competência em informação: 1) a fase precursora, 2) a fase experimental, 3) a fase exploratória e 4) a fase evolutiva. A primeira ocorreu na década de 1980, é a fase precursora, quando os estudos formam a noção do que é a competência em informação. A segunda e terceira fase ocorrem durante a década de 1990 chamadas de experimental e exploratória, consecutivamente. Com a noção do que era competência em informação, os pesquisadores começaram a perceber que seu objeto de estudo se alinhava ao tema. Foi nessa fase que ocorreu a inserção da temática na formação curricular (Bruce, 2013). A quarta e última fase é a evolutiva, que começa no ano 2000. A autora acredita que essa fase é caracterizada por expansão do tema para outras áreas, não só de pesquisa científica, mas para ambientes de trabalho e comunidades, além do surgimento de outras perspectivas (Bruce, 2013).

Importante ressaltar que o termo competência em informação não foi o único a ser considerado para nomear o tema, já que *Information Literacy* não possui tradução literal

para o Português. Contudo, no Brasil há uma orientação refletida em eventos¹ para adotar competência em informação, substituindo o termo competência informacional. A definição da expressão, independente da forma escrita utilizada, é segundo Dudziak (2003, p. 28):

A partir da análise de evolução do conceito e seguindo a concepção de *information literacy* voltada ao aprendizado ao longo da vida, pode-se defini-la como o processo contínuo de internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e de habilidades necessária à compreensão e interação permanente com o universo informacional e sua dinâmica, de modo a proporcionar um aprendizado ao longo da vida.

Assim então, é possível afirmar que a competência em informação é um conjunto de conhecimentos, ações, atitudes e habilidades que todos podem desenvolver ao longo da vida. Os bibliotecários nesse contexto devem auxiliar os usuários da informação na sua formação, aprendizagem e desenvolvimento.

A ACRL (2016) caracteriza a competência em informação como:

[...] conjunto de habilidades integradas que abrangem a descoberta reflexiva da informação, a compreensão de como a informação é produzida e avaliada, o uso da informação na criação de novos conhecimentos e na participação ética em comunidades de aprendizado (ACRL, 2016, p. 8, tradução nossa).

É importante compreender, interpretar, analisar e avaliar as informações, pois conhecê-las significa ter conhecimento da sociedade que cerca os indivíduos, e nesse contexto os sujeitos que nela vivem, a exemplo das pessoas com deficiência. Dessa forma, é possível reagir contra desigualdades sociais. Dudziak (2003) cita as concepções da *Information Literacy* explicando cada uma. Segunda ela, são três concepções: ênfase em tecnologia da informação, ênfase nos processos cognitivos e ênfase no aprendizado ao longo da vida. Elas representam níveis de complexidade, ou seja, o anterior pertence ao posterior, seguindo a ordem citada.

A Figura 1 apresenta mais detalhadamente as concepções propostas por Dudziak (2003).

Figura 1 - As três concepções da competência em informação



Fonte: Elaboração própria com base em Dudziak (2003).

¹ Um exemplo é o Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias (SNBU), de 2004, que orientou para o uso da expressão competência em informação.

Destacamos para este estudo, a ênfase no aprendizado ao longo da vida. Ela está centrada nas ligações que os indivíduos estabelecem com a competência em informação na formação e desenvolvimento de habilidades, conhecimentos e valores que podem impactar em mudanças individuais e sociais. Do mesmo modo, a tecnologia da informação e os processos cognitivos também são parte de processo para atingir o aprendizado ao longo da vida. Nesse processo, a pessoa torna-se um ator social. A autora diz que, por conta disso, o bibliotecário não é somente um mediador, mas um agente educacional que está direcionado à mediação do aprendizado (Dudziak, 2003).

Face às concepções da competência em informação, o bibliotecário multiplicador é o agente que multiplica a aprendizagem dos sujeitos aprendizes ao longo da vida, além de ser por si mesmo um aprendiz. Para isso, é necessário desenvolver certas habilidades. Pereira, Miranda e Alcará (2021) afirmam que o bibliotecário multiplicador possui uma formação voltada à compreensão de aspectos informacionais, desde a busca da informação até aspectos mais complexos como: “[...] avaliação de fontes de informação, possibilidades éticas e políticas na apropriação e uso desta informação [...]”. Muito mais do que auxiliar o usuário no uso da informação, o bibliotecário multiplicador da competência em informação precisa desenvolver o papel de educador, oportunizando ao sujeito a chance de se apropriar e interpretar a informação de acordo com a sua realidade, para percebê-la de forma crítica.

Para além do bibliotecário ser responsável por desenvolver essas habilidades informacionais é preciso que haja um ambiente onde os usuários possam se desenvolver. No contexto das deficiências, onde não só as pessoas com deficiência requerem informações, mas também os outros indivíduos que as cercam, a exemplo dos familiares, é preciso o uso de algumas ferramentas/recursos que auxiliem na busca, apropriação e uso da informação.

3 AMBIENTES INFORMACIONAIS INCLUSIVOS

Pessoas com deficiência sofrem preconceitos e injustiças há séculos. Tratadas como pessoas inferiores, incapazes ou menores, e, por isso ao longo do tempo tiveram muita dificuldade em conseguir se expressar, cobrar seus direitos e desenvolver a competência em informação, pois até mesmo adentrar em uma unidade de informação era, muitas vezes, impossível (Pereira; Miranda; Alcará, 2021).

Apesar disso, as pessoas com deficiência conseguiram alguns espaços de escuta, mesmo que pequenos, e começaram a lutar pelo direito de serem vistas como pessoas e não como deficientes, para garantir o direito a estudar, a aprender e a viver em sociedade, que por mais básico que soe hoje, era visto como um ato extraordinário. Foi nesse contexto, com o apoio de pessoas sem deficiência e familiares e com a Convenção Internacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência, que se reconheceu o uso do termo PcD, além de outros avanços (Oliveira; Neves; Falcão, 2019), para pensar nos conceitos de acessibilidade e inclusão.

Com o intuito de compreender melhor os aspectos com os quais as pessoas com deficiência foram submetidas e as justificativas dadas pelas pessoas sem deficiência para cometer essas práticas discriminatórias e capacitistas², o infográfico a seguir (Figura 2), criado por

² Segundo Lage, Lunardelli e Kawakami (2023, p. 3) o capacitismo é “[...] expresso por meio de atitudes intencionais ou não, internalizadas pela sociedade. Muitas vezes insultuosas, quer seja de forma direta, como a utilização de termos pejorativos, olhares ofensivos, afastamento corporal; quer seja de forma velada, disfarçada de comportamentos protetores, piedosos, bem como a formulação de exaltações à capacidade de superação ou algo similar, a cultura capacitista se faz presente. Todas essas formas discriminatórias, contribuem para o efeito de sentido pretendido, ou seja, consolidação do imaginário social existente que relaciona determinados públicos, à fragilidade, incapacidade e dependência.”

Talita Pagani, exemplifica a forma que a deficiência foi e ainda é vista por alguns grupos (Pagani, [201?]).

Figura 2 – Os modelos teóricos da deficiência



Fonte: Pagani ([201?]).

A Figura 2 expõe as três formas de compreender a deficiência: 1) Deficiência como patologia; 2) Deficiência como inabilidade e 3) Deficiência como diversidade funcional. Cada um desses grupos abrange modelos teóricos de deficiência, sendo: Deficiência como patologia: médico, de reabilitação; Deficiência como inabilidade: econômico e caritativo/trágico e Deficiência como diversidade funcional: social, de soluções funcionais e afirmativo totalizando sete modelos.

Em suma, a forma mais adequada para compreender a pessoa com deficiência (PcD), seriam os modelos social, de soluções funcionais e afirmativo (ou modelo de identidade social), pois percebem a deficiência não restritiva ao corpo do indivíduo, mas como um fato social que pode ser potencializado ao mudar ou criar um ambiente para deixá-lo mais adequado e funcional para todas as pessoas. Pensando nesses modelos, o bibliotecário precisa promover a acessibilidade atitudinal, pois com ela é possível pensar e rever atitudes, alterando-as para serem mais inclusivas e respeitadas para as pessoas com deficiência. Além de refletir, reavaliar e questionar suas próprias ações (Compartilhamento..., 2021).

A Lei Brasileira nº 13.146 de 2015, isto é, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI), em seu artigo 3, explicita que acessibilidade é:

Possibilidade e condição de alcance, para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou mobilidade reduzida. (Brasil, 2015, art. 3).

É possível trazer esse conceito para o contexto das bibliotecas, universidades e outras instituições informacionais, já que a pessoa com deficiência precisa ter acesso à informação, comunicação aos espaços públicos ou privados e contar com um atendimento digno. Especificamente no âmbito da biblioteca, é necessário pensar em dispositivos e modificações realizadas em seu espaço físico ou virtual para receber esses usuários reais e/ou potenciais com deficiência, já que eles necessitam ter condições adequadas e facilitadas de acesso e qualidade ao espaço, aos conteúdos e aos recursos disponíveis nas instituições de forma acessível e inclusiva.

O que impede os usuários PcDs de utilizarem esses serviços são as chamadas barreiras, ou seja, obstáculos, comportamentos, entre outros, que limitem ou impeçam a participação e o exercício do direito das pessoas com deficiência (Brasil, 2015). Alguns tipos de barreiras são: urbanísticas, aquelas em vias de acesso público e privados de uso coletivos; arquitetônicas, nos edifícios públicos e privados; transportes; comunicação e informação, que dificultam ou impossibilitam a expressão ou o recebimento de mensagens e informações via tecnologias da informação e comunicação (TICs); atitudinais, impedem ou prejudicam a participação social da PcD em igualdade de condições e oportunidades; tecnológicas, dificultam ou impedem o acesso a tecnologias. (Compartilhamento..., 2021).

A Agenda 2030 proposta pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2015, propõe 17 objetivos para o desenvolvimento sustentável (ODS), com o intuito de solucionar problemas que afetam pessoas do Brasil e do mundo (Nações Unidas Brasil, 2015). Os objetivos que discorrem a respeito das responsabilidades de organismos, instituições e pessoas, que também podem ser associadas às responsabilidades do bibliotecário são vários, mas diretamente vinculados à inclusão, temos o ODS 16.10, que trata a respeito do direito do acesso público à informação e a proteção às liberdades. Assim, o bibliotecário precisa seguir esse princípio de respeitar os direitos e garanti-los para todos os cidadãos, ou seja, para que as pessoas com deficiência se sintam de fato incluídas, acolhidas e pertencentes.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa se caracteriza como descritiva, de abordagem qualitativa e com delineamento bibliográfico. Foi realizada a partir do levantamento da produção bibliográfica sobre a competência em informação, o bibliotecário multiplicador e sua relação com ações e práticas inclusivas.

Para realizar o levantamento, utilizamos a Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI) e o repositório da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas de Informação e Instituições (FEBAB), inserindo na busca e recuperação dos estudos, as palavras-chave: “acessibilidade em bibliotecas”; “deficiência”; “tecnologia assistiva”; “ações inclusivas”; “práticas inclusivas”; “tecnologias assistivas em bibliotecas”, sendo que na Brapci foram combinadas com os operadores booleanos, no campo de assunto, idioma Português, no período de 2019 a 2022. Na primeira busca obtivemos 81 resultados, sendo que para melhor visualização separamos os textos em dois quadros, seguindo os objetivos específicos da pesquisa. A partir da leitura dos títulos e resumos dos estudos e tendo como critérios de seleção o conteúdo mais representativo em relação às tecnologias assistivas, as fontes de informação acessíveis, produtos, serviços e atividades de práticas inclusivas no âmbito das bibliotecas, a amostra final ficou com 28 textos, que compuseram a análise desta pesquisa (descrita no tópico resultados e discussão).

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando a análise dos textos, agrupamos os resultados em dois quadros, (Quadros 1 e 2). No Quadro 1, estão 17 estudos relacionados às tecnologias assistivas e fontes/recursos acessíveis. O Quadro 2, lista 11 estudos que tratam de práticas e ações inclusivas em bibliotecas.

É possível encontrar aspectos em comum relacionando os textos recuperados, apesar de possuírem diversos objetivos e formas de analisar os objetos de estudo. Assim, após cada

quadro foi feita uma análise dos aspectos em comum, elencando os textos onde foram exemplificados.

Quadro 1 - Tecnologia assistiva/fontes e recursos acessíveis

Ano de Publicação	Autor	Título	Objetivos
2019	Alves; Alves	As tecnologias assistivas como iniciativas de acessibilidade para as pessoas com deficiência no ambiente das bibliotecas	Aponta iniciativas para alcançar a acessibilidade no ambiente das bibliotecas, dando destaque às tecnologias assistivas.
2019	Anna; Costa	Acessibilidade em bibliotecas: ações inclusivas	Apresenta a acessibilidade nas bibliotecas: conceitos, importância e perspectivas. Projetos de acessibilidade nas bibliotecas e nas instituições de ensino. A biblioteca como ambiente democrático e inclusivo. O papel da biblioteca na concretização de uma sociedade mais inclusiva.
2019	Antunes; Pimenta	Acessibilidade física em biblioteca: desafios para a inclusão da pessoa com deficiência	Avalia as condições de acessibilidade da biblioteca e contribui para a construção de uma proposta de melhorias para o acesso de usuários com deficiência à biblioteca.
2019	Pereira; Pereira	A Biblioteca Universitária e as Tecnologias Assistivas na democratização do acesso à informação	Apresenta tecnologias assistivas que podem ser utilizadas no âmbito das bibliotecas universitárias e auxiliar no acesso à informação às pessoas com deficiência, bem como, apresentar setores e serviços propostos/realizados por bibliotecas universitárias do Nordeste brasileiro para efetivar o direito de acesso à informação dos usuários com deficiência.
2019	Queiroz; Simões	Promoção da acessibilidade por meio da identificação Braille do acervo de Bibliotecas no IFAM: Agenda 2030 como documento norteador	Mostra o processo de identificação em Braille do acervo da Biblioteca Paulo Sarmento, localizada no Campus Manaus Centro do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas.
2019	Sales; Sousa; Macedo	Tecnologia Inclusiva em Biblioteca Universitária: uma proposta de uso	Com esse estudo, objetiva-se possibilitar aos usuários com deficiência visual, interação com os seus estudos, pesquisas e trabalhos. Proporcionando com o uso da tecnologia assistiva, o acesso possível da informação.
2019	Sousa; Alves	A Audiodescrição como Recurso de Acesso à Informação na Produção de Acervo para Pessoas com Deficiência Visual	Propõe estratégias para instrumentalizar áudio descritores na elaboração de descrições de imagens em livros da área das Ciências Exatas.
2019	Teixeira; Ferreira	Tecnologia Assistiva em bibliotecas universitárias federais do Nordeste	Apresenta um estudo descritivo sobre o uso dos softwares de Tecnologia Assistiva (TA) nas bibliotecas universitárias federais do Nordeste brasileiro. Traz a situação dessas bibliotecas quanto ao uso de tais softwares, enquanto ferramentas indispensáveis para promoção da acessibilidade informacional ao usuário com deficiência.
2019	Teixeira; Kafure	Acessibilidade do Catálogo em Linha para Usuário com Deficiência Visual	O presente trabalho consiste em um estudo de usuários, com propósito de verificar a acessibilidade digital do OPAC para o usuário com deficiência visual.
2020	Bernardo; Muñoz; Silva	Pessoa com deficiência visual e a acessibilidade à informação	Objetiva criar um artefato para facilitar a mobilidade <i>indoor</i> de pessoas com deficiência visual.

		para mobilidade <i>indoor</i>	
2020	Couto <i>et al.</i>	O Tratado de Marraqueche para facilitar o acesso às obras publicadas por pessoas cegas, com deficiência visual, ou com outras dificuldades para acessar o texto impresso – Guia EIFL para Bibliotecas	Fornecer uma interpretação prática das principais provisões técnicas em consonância com os objetivos de interesse público em permitir acesso ao conhecimento. Dar recomendações para a implementação, a fim de realizar a oportunidade que o Tratado oferece às bibliotecas para aumentar os materiais de leitura disponíveis para as pessoas com dificuldade de acesso ao texto impresso.
2020	Fonseca; Lima	Acessibilidade Informacional à Pessoa com Deficiência Visual através do Livro Falado	O estudo tem como objetivo elaborar, validar e distribuir o Manual de Produção do Livro Falado para orientar a gravação de textos em áudio, visando traçar orientações aos professores e profissionais da educação inclusiva.
2021	Ferreira <i>et al.</i>	Diretório Brasileiro de Bibliotecas Acessíveis	Essa publicação pretende, por um lado, conscientizar e alertar gestores, bibliotecários(as) e a comunidade em geral sobre a necessidade de adequação dos espaços, serviços e atitudes das bibliotecas frente às demandas e direitos das pessoas com deficiência e, por outro, ser um instrumento de informação para que todos e todas possam localizar espaços acessíveis nas diversas regiões do país.
2021	Mariano; Brandão; Anna	Biblioteca Pública de Lagoa Santa e a Agenda 2030: o Projeto Sala Braille como uma iniciativa de inclusão	O referido Projeto é gerenciado com o propósito de atender as pessoas com deficiência visual desse município, haja vista resgatar/inserir essas pessoas no convívio social.
2021	Pinheiro; Crivelari	Desafios da acessibilidade e da tecnologia assistiva na biblioteca universitária	Apresenta dificuldades existentes em bibliotecas para adequar o espaço, atendimento e oferta de serviços para pessoas com deficiência.
2021	Sabatke; Bortolin	A recepção dos contos de fadas por crianças cegas	Este estudo apresenta uma síntese do Trabalho de Conclusão de Curso defendido em 2017 no âmbito do curso de Biblioteconomia da Universidade Estadual de Londrina. Elenca contos de fadas; contação de histórias, Estética da Recepção e livro sensorial.
2022	Menezes	Produção de textos acessíveis para pessoas com deficiência visual: a experiência do Núcleo de Acessibilidade Informacional do SIBI/UFBA	O objetivo foi criar um serviço de produção de textos acessíveis em acervos acadêmicos.

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Em alguns trabalhos elencados no Quadro 1, foi destacado o sistema DosVox (Bernardo; Muñoz; Silva, 2020; Pinheiro; Crivelari, 2021; Sales; Sousa; Macedo, 2019; Souza; Alves, 2019; Teixeira; Ferreira, 2019), principalmente por ser um sistema gratuito que possibilita o acesso do catálogo e acervo para os usuários com baixa visão e cegueira.

O sistema computacional Dosvox foi desenvolvido pelo Núcleo de Computação Eletrônica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (NCE/UFRJ), o Instituto Tércio Paciti, com intuito de facilitar o acesso de [pessoas com deficiências] visuais a microcomputadores (Sales; Sousa; Macedo, 2019, p. 4).

A biblioteca universitária é a primeira utilizada como meio de busca de materiais, espaço de estudo e até mesmo lugar de convivência na universidade, para a maioria dos estudantes, por essa razão foram recuperados vários estudos a envolvendo em relação a acessi-

bilidade (fala-se a respeito nos textos de Pereira; Pereira, 2019; Pinheiro; Crivellari, 2021; Sales; Sousa; Macedo, 2019; Teixeira; Ferreira, 2019).

Teixeira e Ferreira (2019) realizaram uma pesquisa para avaliar o uso das tecnologias assistivas nas bibliotecas universitárias federais do Nordeste. Esses autores mencionam que a maior dificuldade encontrada foi a capacitação dos bibliotecários para lidar com os sistemas de acessibilidade, DosVox e JAWS³ citados no trabalho. Os bibliotecários, na maioria dos ambientes, foram os responsáveis pela iniciativa de aplicar a acessibilidade na biblioteca, mas os que conseguiram utilizá-los tiveram que aprender por si mesmos ou já tinham uma experiência prévia, o que significa que em alguns lugares a tecnologia não é utilizada por falta de continuidade nos treinamentos.

Apontado no estudo de Teixeira e Ferreira (2019), as tecnologias assistivas (TA) podem cair em defasagem e o bibliotecário necessita ficar atento, pois sem a ferramenta correta e atualizada, usuários PcDs perdem o acesso à informação. Além do que, o bibliotecário deve não só buscar pela melhor ferramenta, mas refletir sobre estratégias de busca acessíveis a esses usuários para ensiná-los, assim tornando-os independentes e autônomos. Dessa forma, o bibliotecário estaria exercendo habilidades informacionais e técnicas ao mesmo tempo em que multiplica formas de promover a competência em informação.

Um achado interessante foram guias e informativos de acessibilidade e de como tornar espaços ou documentos mais acessíveis. Exemplos estão no estudo de Sousa e Alves (2019), que tem o objetivo de instrumentalizar audiodescrições em relação a imagens em livros da área das Ciências Exatas; Couto *et al.* (2020), que, por meio do Tratado de Marraqueche, trazem recomendações para implementar o tratado em bibliotecas e assim aumentar o acesso das pessoas cegas ou com dificuldades visuais a materiais de leitura; Ferrari *et al.* (2021), que apresentaram o Diretório Brasileiro de Bibliotecas Acessíveis, percorrendo sobre a importância de bibliotecários e comunidade em geral desenvolverem a adequação dos espaços, serviços e atitudes das bibliotecas. Bernardo, Muñoz e Silva (2020), que propuseram um artefato que facilita a mobilidade *indoor* de pessoas com deficiência visual; Fonseca e Lima (2020), realizaram um protocolo para acessibilidade informacional para as pessoas com deficiência visual; Ainda nesse contexto de acessibilidade informacional, podemos citar Alves e Alves (2019) e Menezes (2022).

Também foram recuperadas pesquisas que analisavam ou estudavam a acessibilidade de alguns ambientes informacionais, tais como: Queiroz e Simões (2019), que apontaram os documentos em Braille do acervo da biblioteca Paulo Sarmiento, utilizando a Agenda 2030 para nortear a pesquisa; assim também Mariano, Brandão e Anna (2021), com um estudo mais voltado para biblioteca pública. Antunes e Pimenta (2019) estudaram a acessibilidade da biblioteca do Instituto Federal de Rondônia e indicaram melhorias para contribuir às práticas inclusivas. Teixeira e Kafure (2019) analisaram a acessibilidade digital do catálogo OPAC para usuários com deficiência visual.

É relevante ressaltar que discutir sobre a acessibilidade não se trata somente de adaptar o espaço físico e torná-lo adequado às pessoas com deficiência, é sobre mudar a forma de pensar e tratar as deficiências, ou seja, estamos falando sobre acessibilidade atitudinal. De acordo com Teixeira, Brito, Dorneles e Marques (2017, p. 350):

³ DosVox e JAWS são leitores de telas, ou seja, softwares de tecnologia assistiva que por meio de um sintetizador de voz ou display Braille lê ou dispõe de Braille o texto presente na tela do computador. (Consórcio Público de Desenvolvimento Sustentável Alto Sertão, [202?])

[...] justificam-se investimentos em treinamento, adequações na infraestrutura, mobiliários e equipamentos acessíveis visando a eliminação de barreiras, sobretudo a atitudinal, em consonância com o Estatuto da Pessoa com Deficiência, que se destina a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando a sua inclusão social.

Quando o assunto deficiência é tratado, precisamos lembrar de não a considerar como sinônimo de incapacidade, afinal, a pessoa com deficiência tem direito de viver, existir em sociedade e impor-se nela, além de ter condições como qualquer outro de realizar essas ações. O que pode tornar um PcD incapaz de efetivar seus direitos são as barreiras, já mencionadas, e os bibliotecários precisam utilizar e ampliar seus conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para lidar com as deficiências e auxiliar a pessoa com deficiência a explorar suas próprias habilidades e desenvolver outras mais, para tornar-se um aprendiz independente, ainda mais preparado para lidar com a informação e aprender.

O estudo de Anna e Costa (2019) abordou a importância e discussões a respeito de acessibilidade e deficiência, demonstrando como as bibliotecas contribuem para uma sociedade que compreende esse tema e a torne mais inclusiva. Além disso, Sabatke e Bortolin (2021) discorrem sobre a experiência da contação de histórias e sua recepção por crianças cegas, utilizando inclusive o livro sensorial, explicitando a importância da adequação não apenas do espaço físico quanto a mobilidade, mas dos materiais disponíveis e as práticas profissionais.

Dessa forma, de acordo com o Manifesto de Florianópolis (2013), é de responsabilidade do bibliotecário formar e educar os usuários para o acesso, avaliação e uso da informação. É recomendado que as instituições públicas/governamentais auxiliem os profissionais a desenvolverem a competência em informação para estarem aptos a atender às necessidades de informação de populações mais vulneráveis e minorias e, de fato, incluam as PcDs levando-as a se sentirem acolhidas e pertencentes às bibliotecas.

O bibliotecário necessita buscar o aprendizado contínuo em relação à competência em informação, tornando-se preparado para auxiliar e influenciar positivamente a vida dos usuários com deficiência nos centros de informação, exercendo a mediação do aprendizado. Nesse sentido, a biblioteca é o espaço de expressão do sujeito e o bibliotecário é o agente educacional, pois “Presume a incorporação de um estado permanente de mudança, a própria essência do aprendizado como fenômeno social” (Dudziak, 2003, p. 30).

No Quadro 2, a seguir, estão listados os textos que foram analisados com vistas às práticas em ações inclusivas no âmbito das bibliotecas.

Quadro 2 - Práticas e ações inclusivas em bibliotecas

Ano de Publicação	Autor	Título	Objetivos
2019	Brandão; Mariano; Anna	A Biblioteca Pública de Lagoa Santa e a Agenda 2030	Destaca a função social da Biblioteca Pública e o papel do bibliotecário. Relaciona os objetivos 3, 4, 8 e 10 da Agenda 2030 na Biblioteca Pública. Enfatiza o uso de recursos de Tecnologia Assistiva na promoção da inclusão social da pessoa com deficiência visual.

2019	Diniz; Almeida; Furtado	Acessibilidade atitudinal como requisito de sustentabilidade para bibliotecas universitárias inclusivas no Brasil e em Portugal	Este artigo consiste em um recorte que aborda uma discussão sobre acessibilidade atitudinal do bibliotecário como elemento norteador para o processo dos demais tipos de acessibilidade (arquitetônica, comunicacional, pragmática e instrumental). Apresenta como objetivo diagnosticar as práticas de acessibilidade atitudinal desenvolvidas por bibliotecários.
2019	Ferreira <i>et al.</i>	Análise de medidas acessíveis na Biblioteca Universitária da UFC Campus Quixadá	O artigo busca coletar informações de estudantes com deficiência matriculados na instituição para assim obter resultados sobre as necessidades que a biblioteca da Universidade Federal do Ceará - Campus Quixadá possui em relação ao acesso dos estudantes com deficiência ao material para estudo presente no acervo, que segundo a lei nº 13.146, 6 de julho de 2015 deve ser de livre acesso a todos.
2019	Miranda	Acessibilidade e Biblioteconomia: um estudo comparativo do tema após a lei brasileira de inclusão	Tem como objetivo principal a análise comparativa dos trabalhos sobre o tema acessibilidade em congressos antes e depois de 2016, com a entrada da lei em vigor. Verifica as diferentes abordagens do tema acessibilidade.
2020	Pereira <i>et al.</i>	Por uma BU acessível: experiências para implementação da acessibilidade em uma biblioteca universitária	Visa compartilhar a experiência vivenciada na Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina (BU/UFSC) por servidoras públicas que atuam na implementação de estratégias de acessibilidade por meio de uma comissão permanente, com o intuito de promover uma cultura institucional inclusiva, mediante a promoção de ações e serviços.
2020	Rocha; Oliveira	Análise das políticas públicas para as bibliotecas públicas no Brasil	Traça um panorama da produção científica sobre a referida temática, a partir da análise das publicações científicas dos Programas de Pós-Graduação em Biblioteconomia, Ciência da Informação e áreas afins, entre os anos de 1988 e 2018.
2020	Wellichan; Lino	Aprender, ensinar e praticar: a biblioteca escolar como recurso estratégico para inclusão de pessoas com deficiências	Apresenta formas de abordar a inclusão da pessoa com deficiência utilizando para tal a biblioteca escolar.
2021	Castro; Brasil	Acessibilidade informacional para pessoas com deficiência visual em uma biblioteca universitária	Procura verificar se há acessibilidade informacional para pessoas com deficiência visual em uma biblioteca universitária, levando-se em consideração os tipos de acessibilidade arquitetônica, comunicacional e instrumental.
2021	Costa; Moreira; Oliveira	Acessibilidade em Bibliotecas, no horizonte da Agenda 2030: reflexões necessárias	O presente artigo traz um diálogo acerca da acessibilidade e inclusão no horizonte dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030.
2021	Costa; Oliveira	Usuários da informação com deficiência e o papel das bibliotecas universitárias	O artigo de revisão tem o objetivo de refletir acerca da acessibilidade, dos usuários com deficiência e o papel das bibliotecas.
2021	Wellichan; Manzini	Usuários da informação com deficiência em bibliotecas: uma análise da produção científica em Biblioteconomia e Ciência da Informação	O objetivo foi analisar a pessoa com deficiência enquanto usuária da informação.

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Em relação à acessibilidade atitudinal, ela apareceu com maior frequência nos textos do Quadro 2, já que os trabalhos recuperados discorrem a respeito de práticas e ações inclusivas. Diniz, Almeida e Furtado (2019) buscaram diretores de universidades públicas do Brasil e de Portugal para descobrir as práticas de acessibilidade usadas nas bibliotecas, pois de acordo com os autores a acessibilidade atitudinal influencia os outros tipos de acessibilidade. Apesar dos objetos do estudo possuírem práticas, os bibliotecários raramente eram treinados e as instituições não tinham números exatos de estudantes com deficiência que frequentavam os espaços.

Outro aspecto em comum foram estudos que analisaram materiais (estudos de produção) a respeito do tema nos últimos anos (Castro; Brasil, 2021; Costa; Oliveira, 2021; Costa; Moreira; Oliveira, 2021; Miranda, 2019; Rocha; Oliveira, 2020). De acordo com Costa, Moreira e Oliveira (2021), foi exposto que a deficiência visual é a que mais aparece como objeto de pesquisa e que outros tipos ficam sem ser contempladas, assim muitos usuários são desconhecidos por bibliotecas; precisa-se trazê-los à tona, para atender às suas necessidades informacionais. Dessa forma, eles podem desenvolver a sua competência em informação e tornarem-se independentes informacionalmente.

Brandão, Mariano e Anna (2019), Wellichan e Lino (2020) e Pereira *et al.* (2020), apresentaram projetos para tornar o espaço da biblioteca mais acessível. Os trabalhos de Brandão, Mariano e Anna (2019) e Pereira *et al.* (2020) foram relativos à biblioteca universitária, sendo que o primeiro trouxe a sala de Braille, após o aparecimento de demanda, para trazer usuários cegos para o local. Já Pereira *et al.* (2020) explicaram o boletim informativo “Quais São as Novas?”, enviado ao e-mail dos estudantes semanalmente para divulgar ações acessíveis que a biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina está realizando e trazendo mais estudantes para o ambiente da biblioteca. Os estudos de Wellichan e Lino (2020) e Wellichan e Manzini (2021) dizem respeito a um projeto para crianças em bibliotecas escolares, e apresentam sugestões de livros e dinâmicas que explicam e mostram a elas como ver e lidar com as deficiências e as PcDs. Ferreira *et al.* (2019) realizaram um estudo na Universidade Federal do Ceará, onde buscaram os estudantes PcD do campus Quixadá e como suas necessidades informacionais eram atendidas pela biblioteca.

De forma geral, é possível identificar em todos os estudos a importância das capacitações para os profissionais da informação, não somente com cursos para lidar com ferramentas, mas com o objetivo de desenvolver a acessibilidade atitudinal. Por meio da acessibilidade atitudinal é possível tornar o ambiente da biblioteca mais acessível, inclusivo e empático a todos que o frequentam.

Okada e Alcará (2021) apontam que “[...] as práticas do bibliotecário devem seguir o objetivo de exercer seu trabalho em prol do usuário, considerando que cada situação demanda habilidades e articulações específicas [...]”. Assim, o profissional precisa procurar formas de auxiliar o usuário mudando sua maneira de agir e pensar, refletindo sobre as deficiências destes e os desafios que podem enfrentar no espaço da biblioteca.

A Figura 3 representa as principais palavras que surgiram nos trabalhos analisados, de modo a evidenciar o conteúdo dos estudos.

Conforme a Figura 3, um tópico frequente encontrado foi a Agenda 2030 (exemplos em Brandão; Mariano; Anna, 2019; Costa; Moreira; Oliveira, 2021) como parâmetro ao desenvolvimento da acessibilidade nas bibliotecas. Assim como, buscou-se a melhoria do acesso de PcDs principalmente por meio da capacitação dos bibliotecários e comunidade, assegurando a acessibilidade atitudinal aos usuários com deficiência. A deficiência mais tratada

foi a cegueira e baixa visão, por consequência, os *softwares* de tecnologia assistiva JAWS e DosVoX também foram citados em várias pesquisas listadas no Quadro 2.

Figura 3 - Nuvem de palavras com os resultados da pesquisa



Fonte: Elaboração própria com base nos resultados da pesquisa (2022).

Os estudos recuperados trataram em sua maioria de bibliotecas universitárias, apesar de terem sido vistos dois textos que abordaram a respeito de bibliotecas escolares e três relativos à biblioteca pública. Além disso, ressaltamos os trabalhos de análise bibliográfica sobre o tema e a importância dos guias e informativos realizados pelos outros artigos recuperados. Por meio deles é possível que novas iniciativas sejam desenvolvidas e planejadas em outros espaços.

Além dos bibliotecários, que possuem importante papel na inclusão de usuários com deficiência, a família também tem responsabilidade, pois sem incentivo e apoio seria difícil esse usuário chegar até a biblioteca. Pereira, Miranda e Alcará (2021) relacionam a importância do bibliotecário multiplicador para o desenvolvimento da competência em informação de pais de surdos. Nesse contexto, as autoras observam que os bibliotecários podem estender as orientações informacionais e práticas educativas também aos familiares das pessoas com deficiência, de modo a promover o sentimento de pertencimento e a competência em informação para ambos – pessoas com deficiência e seus familiares. Elas ainda acrescentam que nesse aspecto, para além das habilidades técnicas e informacionais, os bibliotecários também precisam desenvolver suas habilidades comunicacionais, sociais e afetivas, didáticas e pedagógicas.

Outro exemplo de ação identificado ao longo deste estudo que também integrou usuários com deficiência e a comunidade externa nas atividades da biblioteca, foi observado em Brandão, Mariano e Anna (2019), quando mencionaram o uso da sala de Braille, em que por meio da biblioteca, os profissionais ali atuantes se juntam a comunidade externa para atender sujeitos com deficiência visual para inseri-los efetivamente no convívio social.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final do estudo foi possível vislumbrar, com base no mapeamento da literatura científica, as tecnologias assistivas e fontes de informação acessíveis mais utilizadas por bibliotecários multiplicadores que objetivam exercer ações, práticas, produtos e serviços inclusivos. Em relação às fontes de informação, foram recuperados poucos estudos a respeito,

quase inexistentes. Como iniciativa, destacamos a sala de Braille, serviço produzido pela biblioteca pública de Lagoa Santa, criada sob a necessidade de pessoas com cegueira e baixa visão conseguirem recuperar e utilizar informações. O espaço tornou-se também um local de convivência a esse público.

Foi possível, portanto, identificar alguns exemplos de projetos e implementação de políticas de acessibilidade em diferentes bibliotecas. Para isso, destacamos a importância da acessibilidade atitudinal vinda do bibliotecário e a capacitação do mesmo para estar apto a atender às necessidades informacionais de pessoas com diferentes deficiências e multiplicar a competência em informação. Não apenas ter o conhecimento sobre as tecnologias assistivas e fontes de informação acessíveis identificadas nesta pesquisa, mas também saber auxiliar os usuários para que possam aprender a utilizá-las de forma independente.

Ressaltamos que o desenvolvimento e formação das habilidades da competência em informação pode corroborar e fazer a diferença na vida das pessoas com deficiência e nesse sentido o bibliotecário pode contribuir nesse processo. Assim também, os diferentes recursos acessíveis que as bibliotecas disponibilizam podem fomentar e apoiar ações de formação da competência em informação. Além disso, elencamos algumas limitações desta pesquisa, que por ser um estudo teórico e bibliográfico, as evidências não foram constatadas “*in loco*”, já que os resultados foram obtidos com base em evidências de outras pesquisas, o que implica apenas em inferências em relação às ações da competência em informação. Da mesma forma, o recorte para as bases de dados e o intervalo temporal utilizados, podem representar uma limitação deste estudo, já que restringem a abrangência dos resultados.

Ainda, para complementar observamos que a principal dificuldade encontrada no âmbito das ações e práticas inclusivas é a falta de capacitação dos profissionais, tanto pela falta de financiamento disponível para a realização de ações, quanto pela motivação do bibliotecário. Essa última, é fundamental e necessária para a acessibilidade em bibliotecas, pois com um profissional preparado e atualizado, a instituição poderá mudar a forma de entender as deficiências e de tratar pessoas com deficiência de forma mais justa e equitativa.

REFERÊNCIAS

ALVES, T. A.; ALVES, R. M. As tecnologias assistivas como iniciativas de acessibilidade para as pessoas com deficiência no ambiente das bibliotecas. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECOLOGIA E DOCUMENTAÇÃO, 28., 2019, Vitória. **Anais [...]**. Vitória: FEBAB, 2019. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/cbbd2019/article/view/2146>. Acesso em: 3 jan. 2026.

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. **Framework for Information Literacy for Higher Education**. Chicago: ALA, 2016. Disponível em: <https://www.ala.org/acrl/standards/ilframework>. Acesso em: 3 fev. 2026.

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. **Presidential Committee on Information Literacy**: final report. Washington: ALA, 1989. Disponível em: <https://www.ala.org/acrl/publications/whitepapers/presidential>. Acesso em: 3 fev. 2026.

ANNA, J. S.; COSTA, M. E. O. Acessibilidade em bibliotecas: ações inclusivas. *In*: ASSOCIAÇÃO DOS BIBLIOTECÁRIOS DE MINAS GERAIS, 5., 2019, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte:

ABMG, 2019. Disponível em: <http://repositorio.febab.libertar.org/items/show/4591>. Acesso em: 3 fev. 2026.

ANTUNES, C. D.; PIMENTA, J. S. Acessibilidade física em biblioteca: desafios para a inclusão de pessoas com deficiência. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO*, 28., 2019. Vitória. **Anais [...]**. Vitória: FEBAB, 2019. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/cbbd2019/article/view/2143>. Acesso em: 3 fev. 2026.

ASSOCIATION OF COLLEGE & RESEARCH LIBRARIES. **Roles and strengths of teaching librarians**. Boston: ACRL, 2017. Disponível em: <https://www.ala.org/acrl/standards/teachinglibrarians>. Acesso em: 3 fev. 2026.

BELLUZZO, R. C. B. O estado da arte da competência em informação no Brasil e o protagonismo científico. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 17, n. esp., p. 1-12, 2021. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1632/1262>. Acesso em: 3 fev. 2026.

BERNARDO, C. G.; KAFURE-MUÑOZ, I.; SILVA, T. B. P. Pessoa com deficiência visual e a acessibilidade à informação para mobilidade indoor. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 18, 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/149816>. Acesso em: 03 fev. 2026.

BERTÚLIO, A. L. A. **Estudo e formação de multiplicadores em competência em informação**. 2012. 231 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

BRANDÃO, T. S.; MARIANO, P. R.; ANNA, J. S. **A biblioteca pública de Lagoa Santa e a Agenda 2030**. Belo Horizonte: ABMG, 2019. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/4584>. Acesso em: 3 fev. 2026.

BRASIL. **Lei nº 13.146 de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília: Presidência da República, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 3 fev. 2026.

BRUCE, C. Information literacy research: dimensions of the emerging collective consciousness. **Australian Academic & Research Libraries**, Oxfordshire, v. 31, n. 2, p. 91-109, 2013. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00048623.2000.10755119>. Acesso em: 3 fev. 2026.

CARTA de Marília. *In: SEMINÁRIO DE COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO*, 3., 2014, Marília. **Anais [...]** Marília: Unesp, 2014. Disponível em: https://ofaj.com.br/textos_conteudo.php?cod=546. Acesso em: 3 fev. 2026.

CASTRO, M. J. R.; BRASIL, M. V. O. Acessibilidade informacional para pessoas com deficiência visual em uma biblioteca universitária. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documen-**

tação, Ribeirão Preto, v. 12, n. 1, p. 104-124, mar./ago. 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/160871>. Acesso em: 03 fev. 2026.

COMPARTILHAMENTO da informação e do conhecimento pautado numa sociedade inclusiva. [Londrina]: PPGCI UEL, 2021. 1 vídeo (1h38min.). Publicado pelo canal PPGCI UEL. Participação da Profa. Dra. Janicy Aparecida Pereira Rocha. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6Xv4cnquNGQ>. Acesso em: 3 fev. 2026.

CONSÓRCIO PÚBLICO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL ALTO SERTÃO. **Leitor de tela**. Caetité: Consórcio Público de Desenvolvimento Sustentável Alto Sertão, [202?]. Disponível em: https://www.cdsaltosertao.ba.gov.br/leitor_tela. Acesso em: 3 fev. 2026.

COSTA, M. K. A.; MOREIRA, C. S.; OLIVEIRA, D. A. Acessibilidade em Bibliotecas, no horizonte da Agenda 2030: reflexões necessárias. **Folha de rosto: Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Juazeiro do Norte, v. 7, n. 3, p. 86-113, set./dez. 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/169981>. Acesso em: 03 fev. 2026

COSTA, M. K. A.; OLIVEIRA, D. A. Usuários da informação com deficiência e o papel das bibliotecas universitárias. **Ciência da Informação em Revista**, Maceió, v. 8, n. 1, p. 95-118, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/160548>. Acesso em: 03 fev. 2026.

COUTO, W.; FERREIRA, S. M. S. P.; VANSCONSELOS, J. R.; ANDRADE, M. C.; DUTRA, S. K. W.; CARVALHO, T. **O Tratado de Marraqueche para facilitar o acesso às obras publicadas por pessoas cegas, com deficiência visual, ou com outras dificuldades para acessar o texto impresso**: guia EIFL para Bibliotecas. [S. l.]: FEBAB, 2020. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/6193>. Acesso em: 3 fev. 2026.

DECLARAÇÃO de Maceió sobre a competência em informação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 24., 2011, Maceió. **Anais [...]**. Maceió: FEBAB, 2011. Disponível em: http://febab.org.br/declaracao_maceio.pdf. Acesso em: 3 fev. 2026.

DINIZ, I. C. S.; ALMEIDA, A. M. P.; FURTADO, C. C. Acessibilidade atitudinal como requisito de sustentabilidade para bibliotecas universitárias inclusivas no Brasil e em Portugal. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 28., 2019, Vitória. **Anais [...]**. Vitória: FEBAB, 2019. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/cbbd2019/article/view/2148>. Acesso em: 03 fev. 2026.

DUDZIAK, E. A. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 23-35, jan./abr. 2003. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1016>. Acesso em: 3 fev. 2026.

DUDZIAK, E. A. **O Bibliotecário como agente multiplicador da competência informacional e midiática**. São Paulo: FEBAB, 2013. Disponível em: https://repositorio.usp.br/directbitstream/24879c3f-4ae4-4fec-8727-c83ce5cc0286/002847979_1.pdf. Acesso em: 3 fev. 2026.

FERRARI, A. C.; ARAÚJO, A. C. C.; LINDEMANN, C. R.; AQUINO, C. C.; SOUSA, C. S.; WELLICHAN, D. S. P.; CERQUEIRA, F. J.; RIBEIRO, G. M. C.; FARIA, K. R. Diretório Brasileiro de Bibliotecas Acessíveis. In: ARAÚJO, E. M. (coord.). **Grupo de Trabalho de Acessibilidade em Bibliotecas**. Brasília: Repositório da FEBAB, 2021. Disponível em:

<http://repositorio.febab.org.br/items/show/6173>. Acesso em: 3 fev. 2026.

FERREIRA, K. L. C.; DIAS, A. C. B.; FREITAS, M. C. S.; FARIAS, K. A.; BRASIL, E. C. A. Análise de medidas acessíveis na Biblioteca Universitária da UFC Campus Quixadá. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 28., 2019, Vitória. **Anais [...]**. Vitória: FEBAB, 2019. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/cbbd2019/article/view/2093>. Acesso em: 3 fev. 2026.

FONSECA, G. L. M.; LIMA, N. R. W. Acessibilidade Informacional à Pessoa com Deficiência Visual através do Livro Falado. **Revista Informação na Sociedade Contemporânea**, Natal, v. 4, 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/149552>. Acesso em: 3 fev. 2026.

GASQUE, K. C. G. D. Competência em Informação: conceitos, características e desafios. **AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento**, Curitiba, v. 2, n. 1, p. 5-9, ago. 2013. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/atoz/article/view/41315/25246>. Acesso em: 3 fev. 2026.

LAGE, S. R. M.; LUNARDELLI, R. S. A.; KAWAKAMI, T. T. O capacitismo e suas formas de opressão nas ações do dia a dia. **Encontros Bibli: revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 28, e93040, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eb/a/HSy9D6BjLP6P9Gv3mtBvVyn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 3 fev. 2026.

MANIFESTO de Florianópolis sobre a competência em informação e as populações vulneráveis e minorias. In: SEMINÁRIO CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: cenários e tendências, 2., 2013, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: CBBBD, 2013. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/4554>. Acesso em: 3 fev. 2026.

MANIFESTO político sobre competência em informação: bibliotecário: profissional luz. In: FÓRUM DE DEBATE SOBRE COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO, 1., 2022, [s. l.]. **Anais [...]**. [s. l.]: FEBAB, 2022. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/6255>. Acesso em: 3 fev. 2026.

MARIANO, P. R.; BRANDÃO, T. S.; SANTA ANNA, J. Biblioteca Pública de Lagoa Santa e a agenda 2030: o projeto sala braille como uma iniciativa de inclusão. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, Brasília, v. 17, p. 1–28, 2021. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1421>. Acesso em: 3 fev. 2026.

MENEZES, N. C. Produção de textos acessíveis para pessoas com deficiência visual: a experiência do Núcleo de Acessibilidade Informacional do SIBI/UFBA. **Revista Fontes Documentais**, Salvador, v. 4, n. Especial, p. 145-158, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/RFD/article/view/58235>. Acesso em: 3 fev. 2026.

MIRANDA, S. N. Acessibilidade e Biblioteconomia: um estudo comparativo do tema após a lei brasileira de inclusão. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO*, 28., 2019, Vitória. **Anais [...]**. Vitória: FEBAB, 2019. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/cbbd2019/article/view/2142>. Acesso em: 3 fev. 2026.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. Sobre o nosso trabalho para alcançar os objetivos de desenvolvimento sustentável no Brasil. Nova York: ONU, 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 3 fev. 2026.

OKADA, T. C. R; ALCARÁ, A. R. O bibliotecário como educador e multiplicador da competência em informação. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, Brasília, v. 14, n. 3, p. 786-807, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/36725/31354>. Acesso em: 3 fev. 2026.

OLIVEIRA, E. S.; NEVES, I. L.; FALCÃO, G. M. B. A inclusão de alunos com surdez no ensino superior. *In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO*, 6., 2019, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: Realize, 2019. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA11_ID992_29082019221109.pdf. Acesso em: 3 fev. 2026.

PAGANI, T. **7 modelos teóricos da deficiência**. [S. l.: s. n., 201?].

PEREIRA, A. P.; MIRANDA, A. M. M.; ALCARÁ, A. R. O bibliotecário e as habilidades para a formação da competência em informação de pais de surdos. **Revista brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 17, n. esp. V Seminário de Competência em Informação, p. 1-19. 2021. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1648/1296>. Acesso em: 3 fev. 2026.

PEREIRA, C. A.; ANDRADE, S.; KLOPPPEL, J. V.; SOARES, J. F.; MUCCINI, P.; REIS, T. N. T.; WILKE, V. T.; ORLANDI, V. P. Por uma BU acessível: experiências para implementação da acessibilidade em uma biblioteca universitária. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 16, p. 1-19, 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/151832>. Acesso em: 3 fev. 2026.

PEREIRA, G. M.; PEREIRA, R. A. A Biblioteca Universitária e as Tecnologias Assistivas na democratização do acesso à informação. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO*, 28., 2019, Vitória. **Anais [...]**. Vitória: FEBAB, 2019. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/cbbd2019/article/view/2218>. Acesso em: 3 fev. 2026.

PINHEIRO, A. C.; CRIVELLARI, H. M. T. Desafios da acessibilidade e da tecnologia assistiva na biblioteca universitária. **Informação em Pauta, Fortaleza**, v. 6, n. especial, p. 32-52, 2021. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/60770>. Acesso em: 3 fev. 2026.

QUEIROZ, L. D. S.; SIMOES, P. P. Promoção da acessibilidade por meio da identificação braille do acervo de bibliotecas no IFAM: agenda 2030 como documento norteador. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO*, 28., 2019, Vitória. **Anais [...]**. Vi-

tória: FEBAB, 2019. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/cbbd2019/article/view/2198>. Acesso em: 3 fev. 2026.

ROCHA, E. S.; OLIVEIRA, D. A. Análise das políticas públicas para as bibliotecas públicas no Brasil. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 263-277, abr./jul. 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/143493>. Acesso em: 3 fev. 2026.

SABATKE, C.; BORTOLIN, S. A recepção dos contos de fadas por crianças cegas. **Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação**, São Paulo, v. 8, p. 1-11, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/165428>. Acesso em: 3 fev. 2026.

SALES, G. M.; SOUSA, L. P.; MACEDO, M. S. Tecnologia inclusiva em biblioteca universitária: uma proposta de uso. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 28., 2019, Vitória. **Anais [...]**. Vitória: FEBAB, 2019. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/cbbd2019/article/view/2204>. Acesso em: 3 fev. 2026.

SILVA, A. F.; SPUDEIT, D. Acessibilidade na Biblioteconomia. In: SILVA, A. F.; SPUDEIT, D. (org.). **Bibliotecas inclusivas: o que posso fazer para a inclusão das pessoas com deficiência visual?**. São Paulo: ABECIN, 2020. 17-24 p. (Coleção Estudos ABECIN; 10). Disponível em: <https://portal.abecin.org.br/editora/article/view/219/194>. Acesso em: 3 fev. 2026.

SOUSA, C. S.; ALVES, S. F. A audiodescrição como recurso de acesso à informação na produção de acervo para pessoas com deficiência visual. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 28., 2019, Vitória. **Anais [...]**. Vitória: FEBAB, 2019. Disponível em: <http://repositorio.febab.libertar.org/files/original/24/3099/2134-2151-1-PB.pdf>. Acesso em: 3 fev. 2026.

TEIXEIRA, C. M. S.; FERREIRA, V. T. P. Tecnologia Assistiva em bibliotecas universitárias federais do Nordeste. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 28., 2019, Vitória. **Anais [...]**. Vitória: FEBAB, 2019. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/cbbd2019/article/view/2203>. Acesso em: 3 fev. 2026.

TEIXEIRA, L. A.; BRITO, T. R.; DORNELES, J. V.; MARQUES, R. F. Políticas de inclusão de acessibilidade para a promoção da competência em informação: um olhar para a biblioteca central da UFMS. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 13, n. esp. CBBd., 2017. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/925>. Acesso em: 3 fev. 2026.

TEIXEIRA, L. N. B.; KAFURE, I. Acessibilidade do catálogo em linha para usuário com deficiência visual. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 28., 2019, Vitória. **Anais [...]**. Vitória: FEBAB, 2019. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/cbbd2019/article/view/2150>. Acesso em: 3 fev. 2026.

VITORINO, E. V. Construindo significados para a Competência em Informação. In: VITORINO, E. V.; DE LUCCA, D. M. **As dimensões da competência em informação: técnica, estética, ética e política**. Porto Velho: Edufro, 2020. p. 13-35. Disponível em:

<https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/00009f/00009f74.pdf>. Acesso em: 3 fev. 2026.

WELLICHAN, D. S. P.; LINO, C. C. T. S. Aprender, ensinar e praticar: a biblioteca escolar como recurso estratégico para inclusão de pessoas com deficiências. **Revista Bibliomar**, São Luís, v. 19, n. 1, p. 141-158, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/141960>. Acesso em: 3 fev. 2026.

WELLICHAN, D. S. P.; MANZINI, E. J. Usuários da informação com deficiência em bibliotecas: uma análise da produção científica em Biblioteconomia e Ciência da Informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 27, n. 3, p. 172-203, jul./set. 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/160575>. Acesso em: 3 fev. 2026.